

Mapeamento construcional e fraseológico do verbo *get*: uma abordagem baseada na Linguística de *Corpus* e na Gramática de Construções Cognitiva

Constructional and phraseological mapping of *get*: an approach based on Corpus Linguistics and Construction Grammar

Rodrigo Garcia Rosa*
Stella E. O. Tagnin**

RESUMO: Este trabalho investiga os usos de *get* nos contextos em que o verbo é seguido de sintagmas nominais com a finalidade geral de apresentar um mapeamento das construções em que esse predicado pode ocorrer. A pesquisa adota a perspectiva metodológica da Linguística de *Corpus* (McENERY; WILSON, 1996), para a seleção e extração de dados da língua em uso por meio da utilização de um *corpus* de inglês americano (*Corpus of Contemporary American English* - COCA) e o embasamento teórico adota a perspectiva da Gramática de Construções Cognitiva (GOLDBERG, 1995; 2006) para a análise e classificação dos dados em construções. Mais especificamente, o referido mapeamento construcional tem como objetivo descrever o comportamento linguístico de *get* em dois níveis de análise, a saber: (1) No nível construcional, ao salientar as principais características sintáticas, semânticas e pragmáticas dos contextos gramaticais em que o verbo ocorre e; (2) No nível lexical, ao focalizar e discutir os principais fraseologismos nucleados por *get*.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística de *Corpus*. Gramática de Construções. Construções. Fraseologismos. *Get*

ABSTRACT: This paper examines the uses of *get* in contexts where the verb is followed by nominal phrases, aiming at proposing a mapping of the constructions where this predicate may occur. The research adopts the methodological perspective of Corpus Linguistics (McENERY; WILSON, 1996) for the selection and extraction of data of language in use from a corpus of American English (*Corpus of Contemporary American English* – COCA), and the theoretical framework adopts the perspective of Cognitive Construction Grammar (GOLDBERG, 1995; 2006), for the analysis and categorization of the data in constructions. More specifically, the constructional mapping referred to has the objective to describe the linguistic behavior of *get* at two levels of analysis, namely: (1) At the constructional level, by highlighting the main syntactic, semantic and pragmatic characteristics of the grammatical contexts in which the verb occurs and; (2) At the lexical level, by emphasizing and discussing the main phraseologisms headed by *get*.

KEYWORDS: Corpus Linguistics, Construction Grammar, constructions, phraseologisms, *get*.

1. Considerações iniciais

* Mestre pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP).

** Livre Docente pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP).

Em uma comunicação intitulada *Looking Back: the past 25 years in Cognitive Linguistics*¹, George Lakoff traçou um panorama geral dos principais desenvolvimentos na área de linguística cognitiva e fez menção aos trabalhos que colocaram essa área de investigação da linguagem dentro da agenda dos estudos linguísticos. Muitos nomes importantes nesse cenário foram mencionados, tais como Ronald Langacker, Charles Fillmore, Leonard Talmy, Dirk Geeraerts, Adele Goldberg, entre outros; e comentários foram feitos a respeito da significância de seus trabalhos na construção dessa corrente teórica, que tem crescido e angariado adeptos nos últimos anos. Embora os trabalhos citados nessa ocasião tenham aplicação nos mais variados níveis de descrição linguística, da fonologia ao discurso, da análise da língua falada à língua de sinais, é notável o papel que o estudo do significado linguístico desempenhou e desempenha nos estudos de orientação cognitiva.

Essa busca pelo significado linguístico parece ser um caminho inevitável dadas as principais premissas teóricas que embasam a família de abordagens de orientação cognitiva, isto é, a visão segundo a qual a língua opera sob duas funções básicas: a função *simbólica* e a *interativa* da língua (LANGACKER, 2013; EVANS; GREEN, 2006). Por *função simbólica*, entende-se a capacidade humana de externar pensamentos por meio da língua que, por sua vez, consiste em símbolos formados a partir de associações convencionais entre forma e significado (GOLDBERG, 1995; 2006). Dessa maneira, a gramática de uma língua, segundo a linguística cognitiva, não é somente parte integrante da cognição humana, mas também é vista como uma janela através da qual podemos ter acesso à cognição. A cognição, no entanto, não é vista como um construto estático e isolado do contexto físico, linguístico, social e cultural de seus falantes. Ao contrário, a *conceitualização*, termo utilizado por Langacker (1987, 2013) para exprimir o dinamismo que tem o processo de interpretação por parte dos falantes, é diretamente estimulada pela interação social em um contexto sociocultural. Dessa forma, o significado é, em parte, cognitivo, na medida em que ele é criado por meio das conceitualizações de símbolos linguísticos, e, em parte, interacional, na medida em que o sistema cognitivo dos falantes é constantemente alterado a partir de estímulos socioculturais e experienciais. Essa visão de linguagem é compartilhada pela grande maioria das abordagens cognitivas ou modelos

¹ 12th International Cognitive Linguistics Conference (12-ICLC). Edmonton, Canadá. 2013

baseados no uso (do inglês *usage-based*)², como se convencionou denominar essas correntes teóricas.

Segundo Boas (2013) e Bybee (2006, 2013), a expressão *baseado no uso*, cunhada por Ronald Langacker, refere-se, resumidamente, ao impacto que tem a experiência linguística de um falante na representação cognitiva de sua língua, como dito anteriormente. Sendo assim, uma *gramática cognitiva baseada no uso* procura também definir o nível de *entrenchamento* (do inglês *entrenchment*) de uma unidade simbólica na cognição de falantes, bem como o nível de *convencionalização* (do inglês *conventionalization*) ao qual chegam algumas unidades em determinada comunidade de fala.

Uma das condições amplamente aceitas (BARODAL, 2008; BYBEE, 2006; GOLDBERG, 2006; LANGACKER, 1987, 2013; WRAY, 2002) para que dada unidade simbólica tenha um alto nível de entrenchamento, podendo assim adquirir o *status* de unidade convencionalizada, é a *frequência* que essa unidade tem no discurso (oral e escrito), como afirma Bybee (2006):

[...] certas facetas da experiência linguística, tais como a frequência de uso de instâncias particulares de construções, têm um impacto na representação, que podemos ver evidenciado de várias maneiras, por exemplo, no reconhecimento que falantes têm do que é e do que não é convencionalizado. (BYBEE, 2006, p. 711)³³

A frequência no uso de palavras, expressões e construções gramaticais tem sido um ponto central de discussão também na área de aquisição da linguagem (GOLDBERG, 2003; ISRAEL, 2004; TOMASELLO, 2003), na medida em que os estudos tentam mostrar como se dá a relação entre o tipo e a frequência do *input* que as crianças recebem e as generalizações linguísticas a que elas chegam. Já no âmbito dos estudos cognitivos de aquisição de segunda língua (ELLIS, 2013) e do ensino de língua estrangeira (LEWIS, 2002; O'KEEFFE et al., 2007), a frequência e os estudos de análise de *corpora* também são fatores determinantes na

² Segundo Evans e Green (2006), a maioria das abordagens que incorporam a ideia de símbolos ou construções em seus arcabouços teóricos, tais como a gramática cognitiva de Langacker (1987, 2013), a gramática de construções de Goldberg (1995, 2006) e a gramática de construções radical de Croft (2001), são modelos baseados no uso. No entanto, embora a gramática de construções de Kay e Fillmore (1999) compartilhe dessa visão, ela não pode ser classificada como um modelo baseado no uso, uma vez que adota em seu modelo as noções de gramática universal e competência linguística, que são conceitos basilares da gramática gerativa.

³ Original: "...certain facets of linguistic experience, such as the frequency of use of particular instances of constructions, have an impact on representation that we can see evidenced in various ways, for example, in speakers' recognition of what is conventionalized and what is not."

investigação do poder que algumas unidades simbólicas têm na comunicação real dos falantes, uma vez que esses estudos são capazes de determinar quantitativamente os elementos mais salientes no discurso, podendo assim, servir como indícios de processos linguístico-cognitivos gerais de aprendizes de uma segunda língua.

2. A relevância da análise: frequência do uso de expressões linguísticas no sistema

Entre as expressões linguísticas que mais se destacam com relação ao seu poder comunicativo, os *verbos deslexicalizados* (LEWIS, 2002, p. 143-144), geralmente definidos como verbos de semântica esvaziada e que são poderosos geradores de padrões linguísticos (do inglês *pattern generator*), têm recebido especial atenção nos estudos aplicados por conta da alta recorrência desses itens na língua de um modo geral, isto é, esses itens mostram-se frequentes, independentemente dos gêneros discursivos analisados, como mostra a Tabela 1 a seguir:

Tabela 1 - Distribuição dos 10 verbos mais frequentes em cinco gêneros discursivos (COCA)

Rank	Língua Falada		Ficção		Revista		Jornal		Acadêmico	
	Verbo	Frequência	Verbo	Frequência	Verbo	Frequência	Verbo	Frequência	Verbo	Frequência
1	KNOW	301147	KNOW	77553	GET	38619	SAY	53201	SEE	48070
2	THINK	296322	THINK	48592	WANT	38234	THINK	43837	NEED	18903
3	WANT	102209	WANT	44958	SEE	36850	WANT	37549	INCLUDE	16025
4	MEAN	96888	GET	39086	THINK	35928	GET	29760	MAKE	14573
5	SAY	79153	SEE	36525	MAKE	34081	KNOW	28390	PROVIDE	13747
6	THANK	72499	GO	32764	KNOW	33789	NEED	21907	USE	13509
7	GET	62100	COME	32563	NEED	30219	GO	21291	KNOW	13337
8	GO	57680	LOOK	31067	SAY	27882	SEE	20608	THINK	13234
9	LOOK	47869	SAY	29105	TAKE	26670	MAKE	19854	SUGGEST	11113
10	LET	46068	LET	27384	GO	25667	TAKE	17266	WANT	11035

Como podemos ver pela tabela acima, uma busca pelos 10 verbos mais frequentes no *Corpus of Contemporary American English (COCA)*, que contém 450 milhões de palavras, mostra que, em todos os gêneros discursivos disponíveis para busca, há pelo menos um verbo deslexicalizado, isto é, um verbo cujo sentido depende de outros elementos sintagmáticos para que seu uso e compreensão sejam plenos por parte de seus falantes. São eles: *get, go, look, make e take*.

Ao buscarmos a frequência de cada um desses verbos no *website wordandphrase.info*, que fornece o ranqueamento das primeiras 60.000 palavras, das 450 milhões disponíveis no COCA, obtivemos os seguintes resultados: *go* (posição 35 com 1.251.786 ocorrências), *get*

(posição 39 com 1.080.432 ocorrências), *make* (posição 45 com 932.443 ocorrências), *take* (posição 63 com 726.578 ocorrências) e *look* (posição 85 com 534.884 ocorrências). Os números parecem ser suficientemente expressivos, dado o total de palavras contido no *corpus* utilizado (450 milhões de palavras).

Dentre os verbos dessa busca, no entanto, destacamos a presença de *get*, que ocorre em 4 dos 5 gêneros disponíveis e que, como veremos mais detalhadamente adiante, ocorre em uma gama de contextos sintáticos e semânticos tão frequentes e variados que pode ser considerado um dos verbos mais polissêmicos ou abstratos da língua inglesa (ISRAEL, 2004; BEREZ; GRIES, 2008).

Posto isso, entendemos que uma discussão mais aprofundada acerca das propriedades semânticas e sintáticas de *get* faz-se necessária no âmbito teórico, dada a sua grande ocorrência no sistema da língua. Em segundo lugar, uma investigação a respeito desse verbo também se justifica, em termos aplicados, devido ao grande número de aprendizes de inglês como língua estrangeira que hoje temos, tanto em escolas regulares como em cursos livres de idiomas. Ademais, em termos comparativos, os estudos linguísticos mais sistemáticos tradicionalmente costumam concentrar-se quase que majoritariamente na pesquisa das propriedades sintáticas desse verbo na função de auxiliar de construções passivas (QUIRK et al., 1985; CARTER; McCARTHY, 2006; O'KEEFFE et al., 2007, entre outros). Portanto, tanto de um ponto de vista teórico quanto aplicado, o estudo sobre a versatilidade semântica de *get* encontra respaldo na ausência de uma análise unificada que explique de forma satisfatória os vários sentidos que esse item lexical pode ter a depender do contexto sintático e semântico no qual está inserido. Em outras palavras, além de uma carência de análises unificadoras para os sentidos de *get*, poucos estudos dedicam-se à investigação das propriedades construcionais e fraseológicas, isto é, das “combinações de palavras que ocorrem de forma recorrente em dado idioma” (TAGNIN, 2011, p. 278), específicas desse item.

É com base nessa lacuna que este artigo analisa, por meio da utilização de um *corpus* da língua em uso (COCA), os vários sentidos que *get* pode ter e como a interação com seus complementos nominais em determinados co-textos⁴⁴ é fundamental na definição de cada

⁴⁴ “Co-texto” opõe-se, na tradição da Linguística de *Corpus*, à ideia de “contexto”. Assim sendo, este se refere a características extralinguísticas ao momento da enunciação, ao passo que aquele faz referência exclusiva ao ambiente morfossintático que rodeia determinada palavra. Isto é, uma análise que leva o co-texto em consideração investiga os elementos linguisticamente adjacentes ao objeto de análise, como, no caso deste trabalho, os complementos nominais de *get*.

sentido. Sendo assim, as seções seguintes trarão um mapeamento dos contextos construcionais e fraseológicos em que *get* foi encontrado nos dados analisados, mas antes traremos uma breve discussão acerca das bases teóricas e metodológicas que fundamentam a análise a ser traçada.

3. Diga-me com quem andas e te direi quem és: a problematização no significado de *get*

Além de altamente frequente na língua em termos absolutos, *get* é reconhecidamente um verbo de extremo poder comunicativo no que se refere ao número de fraseologismos que pode nuclear. No entanto, se por um lado *get* é altamente produtivo, por outro lado os vários sentidos que ele pode ter e as várias construções nas quais pode ocorrer transformam-no num objeto de difícil descrição, assim como declara Israel (2004 p. 1): “A gramática de *get* pode ser vista como um drama entre as forças competitivas da idiomatidade e da sistematicidade”.⁵

Essa versatilidade semântica e sintática pode ser verificada no Quadro abaixo por meio de algumas linhas de concordância retiradas do COCA.

Quadro 1 – Linhas de concordância para *get* retiradas do COCA

(01) playing in the woods."	Get	kids away from TV and video games
(02) she eventually	got	a job at the courthouse
(03) They've	got	the message that it is something that really works.
(04) but I've	got	a call on another line.
(05) he eventually	got	hold of the Hudson River Railroad and
(06) concerns me is how we	get	the hosts involved in the conversation about class
(07) make that California trip.	Get	your kicks on Route Sixty-six !
(08) Brian Hunter	gets	a chance to produce at first
(09) annoying exception.	Get	the assumptions wrong and everything that follows
(10) Even psychiatrists	get	the blues.

Ao olharmos para as linhas no Quadro acima, já podemos identificar alguns pontos importantes para a descrição fraseológica do verbo em questão. O primeiro deles refere-se ao sentido que *get* tem nas várias linhas. Se tentarmos pensar no sentido que *get* tem na primeira sentença, podemos hipotetizar de maneira informal um sentido abstrato como mover x de y, assim como mostra a sentença abaixo.

(11) Get_[mover] kids_[x] away from TV and video games_[de y]

⁵ Original: “The grammar of *get* may be seen as a drama between the competing forces of idiomatity and systematicity”.

No entanto, se olharmos as demais linhas de concordância, não poderíamos hipotetizar o mesmo significado, pois em (2), por exemplo, *get (a job)* poderia ser lido como *obter*, e não como *mover*. Isso parece nos mostrar que o sentido que *get* apresenta depende de um co-texto maior ou, em outras palavras, que o significado veiculado numa dada sentença, como naquelas do Quadro acima, parece ser, em parte, oriundo do sentido dos itens lexicais que compõem a sentença, como também da construção gramatical específica em questão (EVANS, 2006; GOLDBERG, 1995).

Uma outra questão importante refere-se aos fraseologismos que podemos identificar. Ainda que sejam poucas, nas 10 linhas de concordância levantadas, já podemos verificar uma rica gama de expressões que diferem quanto ao seu nível de especificidade, fixidez estrutural e idiomaticidade. Pelo exposto acima, parece-nos plausível aceitar que, para que o falante atribua um significado a uma sentença como (1), o fraseologismo *get X away from Y* desempenha uma função importante. O mesmo é verdadeiro para as demais sentenças, que contêm fraseologismos frequentes na língua, ou seja: *get a job*, *get the message* (com sentido de ‘entender’), *have got a call*, *get hold of*, *get X participio passado*, *get your kicks on (Route sixty-six)*, *get a chance to*, *get X wrong* e *get the blues* (com o sentido de ‘ficar triste’). No entanto, fraseologismos como *get the message* ou *get the blues* demonstram um nível maior de idiomaticidade se comparados a *get a job* ou *have got a call*, em que as sentenças podem ser processadas de maneira analítica e composicional (WRAY, 2002). Para casos mais idiomáticos como *get the message* e *get the blues*, o falante precisa atribuir uma interpretação que abarque o fraseologismo como um todo e que leve em conta a idiomaticidade presente nessas expressões. Na terminologia apresentada em Wray (2002), uma abordagem puramente *analítica* para esses casos não é capaz de capturar as particularidades lexicais, semânticas e até mesmo sintáticas dessas expressões. Essa tarefa interpretativa, segundo a linguista, requer que o falante faça uso de um processamento *holista* para dar conta de dados como esses. Portanto, quanto à visão de linguagem adotada nesta pesquisa, que partilha dos fundamentos teóricos da Linguística Cognitiva e metodológicos da Linguística de *Corpus*, necessitamos de uma teoria que equacione sentidos lexicais e significados construcionais na explicação dos sentidos de *get*. Ademais, pelos desafios descritivos e explanatórios apresentados pelos possíveis fraseologismos que *get* pode nuclear, necessitamos de uma teoria que não faça distinções rígidas entre o que se convencionou denominar léxico e gramática. Ao contrário, precisamos de uma teoria que

explique o que brevemente os dados no Quadro 1 acima mostraram, ou seja, que entre léxico e sintaxe há uma ponte e não uma muralha.

A seguir trazemos uma breve discussão acerca das bases teóricas e metodológicas que fundamentam esta pesquisa.

4. Gramática de Construções Cognitiva e a Linguística de *Corpus*

A Gramática de Construções Cognitiva (doravante GCC), como tem sido chamada essa teoria desde a publicação de *Constructions at Work* (GOLDBERG, 2006), baseia-se na premissa de que a língua é composta por símbolos linguísticos formados a partir de um pareamento entre *forma* e *função*. No entanto, essa análise é levada para além do signo saussuriano ao abarcar também estruturas ‘menores’ e ‘maiores’ que palavras, ou seja, a ideia de um pareamento entre forma e função é igualmente aplicada a morfemas, palavras, expressões idiomáticas e até mesmo às chamadas *estruturas argumentais*, como orações causativas, resultativas, bitransitivas etc.

Especificamente para os casos das estruturas argumentais, a ideia central de Goldberg é que Construções argumentais são na realidade reflexos de cenas básicas da experiência humana, como *alguém causando o recebimento de algo por alguém, alguém causando o movimento ou mudança de estado de alguém, algo movendo* etc. Desse modo, estruturas argumentais esquemáticas também podem ser vistas como Construções com significados e funções próprias e que independem dos itens lexicais que as preenchem.

Para Goldberg (2006), portanto, um símbolo linguisticamente convencionalizado é chamado de *Construção* e é definido da seguinte maneira:

Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção, desde que algum aspecto de sua forma ou função não possa ser diretamente previsível a partir de suas partes ou de outras construções reconhecidamente existentes. Além disso, padrões são armazenados como construções mesmo que eles sejam completamente previsíveis, mas desde que eles ocorram de maneira suficientemente frequente. (GOLDBERG, 2006, p. 5, grifo nosso)⁶

⁶ Original: “Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist. In addition, patterns are stored as constructions even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency.”

A definição proposta por Goldberg, diferentemente de outras abordagens construcionais (vide nota 2), inclui a significância que a frequência de uso tem na aceitação de expressões linguísticas como Construções. Isto é, padrões linguísticos previsíveis passam a ser considerados Construções desde que exibam uma frequência alta no discurso dos falantes de determinada comunidade de fala. Em outras palavras, passam a ser consideradas Construções aquelas expressões que tenham alcançado um alto grau de *entrincheiramento* na cognição e, conseqüentemente, de *convencionalização* em um grupo de falantes. A inclusão de uma referência explícita à frequência de uso na definição proposta por Goldberg reflete a natureza cognitiva da abordagem e enfatiza que os fundamentos da teoria encontram respaldo no uso linguístico.

Do ponto de vista descritivo, o potencial da GCC decorre, em parte, da perspectiva adotada pelo modelo com relação à distinção tradicionalmente feita entre léxico e sintaxe, que não se sustenta nesse paradigma. A GCC assume a visão segundo a qual não há fronteiras bem delimitadas entre as duas esferas da língua, mas sim um *contínuo* entre áreas.

Uma evidência da inexistência de fronteiras limítrofes entre os dois referidos níveis de análise linguística é fornecida por Goldberg (1995) por meio de exemplos de verbos utilizados em contextos de inovação, isto é, verbos cuja realização sentencial destoa da estrutura argumental considerada convencional e prototípica, como no exemplo (12) abaixo (GOLDBERG, 1995, p. 55).

(12) *Sam sneezed the napkin off the table.*

O significado prototípico de *sneeze*, isto é, *v [I] to send air out from the nose and mouth explosively, in a way that you cannot control*⁷,⁷ classifica o verbo como intransitivo, informação essa trazida na própria entrada do dicionário, que fornece ao consulente a estrutura argumental do verbo ([I(ntransitivo)])⁸.⁸ Porém, como podemos ver, (12) exhibe um uso que ‘desrespeita’ a estrutura argumental prototípica e dicionarizada e, ainda assim, se mantém como uma sentença aceitável.

Exemplos como (12) também são utilizados por Goldberg para reforçar a hipótese de um significado que não se encontra somente no item lexical, nesse caso um verbo, mas sim na

⁷ *Cambridge International Dictionary of English*: Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

⁸ Se pensarmos na estrutura argumental de *sneeze*, podemos aventar a possibilidade de um único participante, isto é, o *sneezzer*.

estrutura semântica da Construção na qual os itens lexicais se acomodam⁹. Segundo a linguista, a capacidade dos falantes de interpretar sentenças como (12) é oriunda do conhecimento construcional que temos (neste caso de uma construção de movimento causado – *Suj V Obj Obl*), que somado ao significado do item lexical, gera as condições necessárias para a aceitabilidade e, conseqüentemente, para a interpretação e uso dessa sentença. Essa hipótese, além de capturar satisfatoriamente aspectos sintaticamente relevantes do significado verbal (PINKER, 1989¹⁰apud GOLDBERG, 1995), também se mostra mais econômica e elegante em termos epistemológicos, uma vez que restringe a proliferação de diferentes representações lexicais de um mesmo item. Em outras palavras, em termos descritivos esse modelo poupa-nos o trabalho de hipotetizar um sentido e uma estrutura argumental diferentes para cada um dos usos que fazemos de um mesmo item lexical. Além disso, um processo dinâmico de interação entre significados lexicais e construcionais mostra-se cognitivamente mais plausível do que um modelo segundo o qual um item lexical tem inúmeros sentidos convencionalizados e armazenados para uso por parte dos falantes.

Com base nessa proposta, Goldberg dá um tratamento construcional, similar ao apresentado acima, para outros casos de estruturas argumentais, como vemos abaixo:

Quadro 2 – Construções Argumentais

Construção	Representação Semântica	Estrutura Sintática
Bitransitiva	x causa y a receber z	Suj V Obj Obj ₂ <i>Pat faxed Bill the letter</i>
Movimento Causado	x causa y a mover para/sobre z	Suj V Obj Obl <i>Pat sneezed the napkin off the table</i>
Resultativa	x causa y a se tornar z	Suj V Obj Xcomp <i>She kissed him unconscious</i>
Movimento Intransitivo	x move para y	Suj V Obl <i>The fly buzzed into the room</i>

Fonte: Goldberg (1995, p. 3)

Como podemos ver, a GCC nos oferece uma abordagem teórica de alto poder descritivo. No entanto, o principal motivo para a adoção desse arcabouço teórico não se justifica pela

⁹ É importante salientar que nem todos os verbos são aceitos em qualquer Construção. Na GCC, a integração entre verbos e construções se dá de maneira sistemática ao envolver relações de instanciação entre os *papéis argumentais* das construções e os *papéis participantes* dos verbos (GOLDBERG, 1995).

¹⁰ Pinker, S. (1989) *Learnability and Cognition: The Acquisition of Argument Structure*. Cambridge, Mass.: MIT Press.

facilidade com que as estruturas a serem analisadas se acomodam dentro das estipulações da teoria, mas sim pelo seu poder de análise como um todo, além de suas principais premissas, entre as quais destacamos a visão de léxico e gramática como um contínuo.

Outra característica fundamental na base da abordagem construcional refere-se ao fato de que a teoria vê a língua como um conjunto de estruturas simbólicas que se realizam através de uma função comunicativa em uma comunidade de fala específica. Essa característica faz da teoria construcional uma abordagem cujas bases estão estabelecidas no uso linguístico que fazemos dos símbolos convencionalizados, isto é, das estruturas linguísticas pertencentes ao inventário de Construções que compõem a gramática mental dos falantes. Além disso, em um modelo cognitivo *baseado no uso linguístico* abrem-se possibilidades de diálogo com estudos voltados à verificação da frequência de uso de certas estruturas, pois a frequência pode ser vista como um índice sistemático da convencionalização linguística, servindo assim, como uma poderosa ferramenta de diagnóstico para o que é mais arraigado no sistema cognitivo dos falantes de dada comunidade.

Segundo Bybee (2006), teóricos de orientação baseada no uso linguístico veem a gramática como uma organização cognitiva das experiências que um indivíduo tem com sua língua. A respeito dessas experiências codificadas como linguagem, Bybee declara que, com os avanços existentes em abordagens empiristas como a Linguística de *Corpus*, o acesso à natureza dessa experiência objetiva pode ser atualmente contemplado como objeto teórico dos pesquisadores que se ocupam da descrição da língua em uso.

Sendo assim, vemos nas afirmações de Bybee (2006) e Goldberg (2006) um ponto de convergência importante entre a Gramática de Construções Cognitiva e a Linguística de *Corpus*, pois os resultados obtidos nesta podem ser encarados como indícios fortes da convencionalização de expressões linguísticas, investigação essa perseguida pelos estudos de orientação cognitivista. Ademais, a visão segundo a qual a linguagem está associada a uma função comunicativa e outra simbólica (EVANS; GREEN, 2006; LANGACKER, 2013) está em perfeita consonância com a ideia de se trabalhar com dados da linguagem em uso, pois a observação de dados empíricos confere à pesquisa que se está realizando os subsídios teóricos e metodológicos necessários para se falar não somente das *possibilidades*, mas principalmente das *probabilidades* da língua. Em outras palavras, a Linguística de *Corpus* não fornece somente uma análise *qualitativa* do comportamento linguístico, mas também é capaz de propor uma investigação *quantitativa* dos dados de maneira a validar as análises e generalizações a que

chegam os pesquisadores. Esses são os chamados *estudos baseados em corpus*, quadro no qual se encontra este estudo.

5. Extração dos dados e a composição do *corpus* de estudo

Como dito anteriormente, a variabilidade semântica e sintática de *get* garante ao verbo que ele ocorra em um grande número de contextos sintáticos. Pelos mesmos motivos, os colocados de *get* podem pertencer a diferentes categorias gramaticais, como mostra Tagnin (1977, p. 254):

- | | |
|---|-------------------|
| (12) Uso de posse: <i>He got a book</i> | (GET + SN) |
| (13) Uso incoativo: <i>He got poor</i> | (GET + SAdj) |
| (14) Uso de movimento: <i>He got safe to land</i> | (GET + SPrep) |
| (15) Uso causativo: <i>They got my father to contribute</i> | (GET + SN + inf.) |

Embora *get* seja produtivo em todos os contextos apresentados acima, nem todos eles apresentam um desafio analítico do ponto de vista do significado do item lexical. Nos contextos em que *get* ocorre com colocados adjetivais (uso incoativo), por exemplo, o conceito lexical abstrato de *mudança de estado* do verbo parece manter-se inalterado independente do adjetivo com o qual ele coocorre. No caso do *uso de movimento*, em que *get* coocorre com um SPrep locativo (*to land*) ou uma expressão dêitica (*there, here*), a leitura de movimento parece ser favorecida pela presença da expressão locativa. Sendo assim, em contextos como esses, isto é, antecedendo expressões locativas, o conceito lexical do verbo apresentará uma leitura abstrata de movimento que pode ser parafraseada por *arrive*, por exemplo. Entretanto, se por um lado nos contextos sintáticos discutidos até o momento (exemplos (14) e (15) acima) *get* tenha sentidos relativamente claros, os contextos em que o colocado é nominal, isto é, *get* + SN (exemplos (13) e (16) acima), o verbo parece demonstrar mais do que apenas um único sentido. *Posse* e *Causação* são apenas dois dos possíveis significados possíveis para a sequência *get* + SN. Nesse contexto, *get* pode também nuclear Construções Resultativas (*I got the oven ready*), Construções de Movimento Causado (*He got the group into the show*), Construções Transitivas Simples (*I got the letter yesterday*) e Construções Bitransitivas (*She got me a glass of water*). Além disso, o conceito lexical de *get* não se mantém o mesmo em todas essas Construções. Posto isso, vemos que nos contextos em que *get* coocorre com um colocado nominal,

diferentemente dos demais casos discutidos, há um claro caso de polissemia, para o qual uma investigação baseada em *corpus* pode em muito contribuir para o esclarecimento dos contextos construcionais em que esse verbo pode ocorrer e quais conceitos são apresentados por quais Construções.

Pelos motivos apresentados acima, o contexto *get* + SN pareceu-nos mais problemático e igualmente interessante do ponto de vista da descrição linguística. Além disso, se pensarmos nesse contexto construcional sob a perspectiva do falante (tanto nativo quanto aprendiz da língua), este parece ser o contexto de uso mais problemático no que se refere à definição de um sentido para o verbo. Desse modo, tendo em vista essa problemática, nossa busca no *corpus* restringiu-se ao contexto em que o colocado é nominal. Outra escolha metodológica que deve ser mencionada refere-se ao número que especificamos na busca pelo colocado nominal. Optamos por uma janela de duas palavras à direita da palavra de busca, como vemos na Figura 1:



Figura 1 – Contexto de busca do colocado nominal para *get* no COCA

O espaço destinado à palavra de busca foi preenchido pelo verbo na sua forma lematizada a fim de gerar resultados com todas as formas morfológicas possíveis do verbo, isto é, *get*, *gets*, *getting*, *got* e *gotten*. Embora a frequência geral de formas morfológicas específicas sejam importantes em itens convencionalizados, como expressões idiomáticas (BARODAL, 2008; BARNBROOK, et al., 2013¹¹; BYBEE, 2006), acreditamos que uma busca pelo item

¹¹ Barnbrook et al. (2013) contrastam o uso da forma morfológica *gotten* na variante britânica e americana da língua inglesa a fim de validar ou refutar, por meio de uma análise baseada em *corpus*, a crença comum de que na variante britânica a forma *gotten* foi suplantada pela forma *got*, que assim passou a ser ambígua. Os dados analisados mostraram que de fato a forma *gotten* perdeu parte de seu uso construcional na variante britânica, mas sobrevive em expressões cristalizadas como *ill-gotten gains* (ganhos ilícitos).

lematizado é capaz de abarcar tanto instâncias fraseológicas, como também Construções argumentais não fixas, como as Construções argumentais mencionadas acima.

Visto que as formas morfológicas específicas dos colocados também não eram relevantes para nossa busca, fizemos uso de outra ferramenta disponibilizada pelo *corpus*, que permite ao pesquisador obter resultados em que as duas palavras, tanto a de busca quanto os colocados, são dadas em suas formas lematizadas. Essa busca pode ser realizada ao selecionarmos a especificação *both lemmas* na opção *group by*, como mostra a Figura 2.



Figura 2 – Busca por colocados lematizados para *get* no COCA

Dessa maneira, os colocados obtidos também foram apresentados em suas formas lematizadas, isto é, para o primeiro colocado [JOB], as linhas de concordância contavam com instâncias tanto de *job*, no singular, quanto de *jobs*, no plural.

Escolhida a sintaxe de busca para a seleção das ocorrências que constituiriam um *corpus* de estudo compilado a partir dos dados disponíveis no COCA, obtivemos uma lista de palavras (substantivos), da qual selecionamos as cinquenta primeiras mais frequentes, como mostra a tabela abaixo.

Tabela 2 – Lista de palavras resultante da busca por *get + noun* com até duas palavras à direita

Rank	Colocado	Frequência absoluta	Rank	Colocado	Frequência absoluta
1	[GET] [JOB]	14030	26	[GET] [WAY]	2608
2	[GET] [PEOPLE]	11322	27	[GET] [PICTURE]	2600
3	[GET] [MONEY]	9596	28	[GET] [POINT]	2560
4	[GET] [CHANCE]	8478	29	[GET] [NEWS]	2526
5	[GET] [THING]	7216	30	[GET] [PHONE]	2470
6	[GET] [CALL]	6138	31	[GET] [LETTER]	2442
7	[GET] [INFORMATION]	5912	32	[GET] [VOTE]	2414

8	[GET] [ATTENTION]	5622	33	[GET] [GUY]	2322
9	[GET] [IDEA]	5584	34	[GET] [FOOD]	2204
10	[GET] [HELP]	5548	35	[GET] [LIFE]	2194
11	[GET] [TROUBLE]	4880	36	[GET] [RESULT]	2092
12	[GET] [MESSAGE]	4816	37	[GET] [LOOK]	2064
13	[GET] [SHOT]	4614	38	[GET] [BALL]	2006
14	[GET] [HAND]	4462	39	[GET] [QUESTION]	1994
15	[GET] [SENSE]	4062	40	[GET] [SUPPORT]	1954
16	[GET] [KID]	3934	41	[GET] [CHILD]	1952
17	[GET] [WORD]	3468	42	[GET] [SLEEP]	1902
18	[GET] [ANSWER]	3312	43	[GET] [GUN]	1880
19	[GET] [WORK]	2864	44	[GET] [STORY]	1762
20	[GET] [PROBLEM]	2830	45	[GET] [BREAK]	1720
21	[GET] [NAME]	2750	46	[GET] [CAR]	1696
22	[GET] [FEELING]	2738	47	[GET] [TREATMENT]	1696
23	[GET] [CREDIT]	2736	48	[GET] [FOOT]	1680
24	[GET] [TIME]	2672	49	[GET] [WATER]	1644
25	[GET] [HOLD]	2610	50	[GET] [HELL]	1622

A frequência absoluta somente das primeiras cinquenta palavras, com as duas palavras em suas formas lematizadas, gerou um total de 184.198 ocorrências da sequência *get* + *substantivo*.

Diante da lista de palavras obtida por meio da busca especificada, precisávamos selecionar os dados para a composição do nosso *corpus* de estudo de maneira a contemplar duas variáveis que acreditamos serem importantes e que poderiam afetar a análise e os resultados. São elas: *quantidade de dados por cada palavra vs. número de palavras selecionadas*. Se, por exemplo, decidíssemos selecionar todas as ocorrências das três primeiras palavras, isto é, *job*, *people* e *money*, teríamos à nossa disposição 9.596 enunciados, que já comporiam um *corpus* de estudo robusto dados os objetivos analíticos da pesquisa. No entanto, embora essa escolha seja quantitativamente plausível, ela resvala em problemas de ordem qualitativa, pois se por um lado teríamos um número que nos possibilitaria chegar a generalizações sobre o comportamento construcional de *get*¹², por outro lado, os tipos de substantivos contemplados por essa análise seriam muito restritos em termos semânticos. Desse modo, a seleção realizada precisava abarcar

¹² Segundo Biber (1993), generalizações sobre o comportamento de certas estruturas linguísticas podem ser feitas até mesmo com 1000 ocorrências de dado item, desde que os critérios seletivos sejam delimitados de modo que as instâncias capturadas sejam representativas da variabilidade linguística inerente ao *corpus* como um todo.

tanto uma quantidade significativa de dados por palavra, quanto uma variedade igualmente significativa de tipos de substantivos. Com isso em mente, optamos por selecionar as cinquenta palavras mais frequentes dadas pela busca, pois nesse conjunto há uma boa variabilidade linguística entre os elementos nominais, isto é, esse grupo compreende nomes concretos (*money*), abstratos (*trouble*), animados (*people*), inanimados (*job*) etc. Do número total de ocorrências para cada palavra, decidimos selecionar 5% delas a fim de contemplar de maneira igualitária e proporcional tanto os substantivos mais frequentes quanto os menos frequentes. Essa seleção resultou no conjunto de dados abaixo:

Tabela 3 – Dados que compõem nosso *corpus* de estudo

Número	Colocado	Freq. absoluta	5%	Soma
1	[JOB]	14030	702	702
2	[PEOPLE]	11322	566	1268
3	[MONEY]	9596	480	1747
4	[CHANCE]	8478	424	2171
5	[THING]	7216	361	2532
6	[CALL]	6138	307	2839
7	[INFORMATION]	5912	296	3135
8	[ATTENTION]	5622	281	3416
9	[IDEA]	5584	279	3695
10	[HELP]	5548	277	3972
11	[TROUBLE]	4880	244	4216
12	[MESSAGE]	4816	241	4457
13	[SHOT]	4614	231	4688
14	[HAND]	4462	223	4911
15	[SENSE]	4062	203	5114
16	[KID]	3934	197	5311
17	[WORD]	3468	173	5484
18	[ANSWER]	3312	166	5650
19	[WORK]	2864	143	5793
20	[PROBLEM]	2830	142	5934
21	[NAME]	2750	138	6072
22	[FEELING]	2738	137	6209
23	[CREDIT]	2736	137	6346
24	[TIME]	2672	134	6479
25	[HOLD]	2610	131	6610
26	[WAY]	2608	130	6740
27	[PICTURE]	2600	130	6870
28	[POINT]	2560	128	6998
29	[NEWS]	2526	126	7124
30	[PHONE]	2470	124	7248
31	[LETTER]	2442	122	7370
32	[VOTE]	2414	121	7491

33	[GUY]	2322	116	7607
34	[FOOD]	2204	110	7717
35	[LIFE]	2194	110	7827
36	[RESULT]	2092	105	7931
37	[LOOK]	2064	103	8035
38	[BALL]	2006	100	8135
39	[QUESTION]	1994	100	8235
40	[SUPPORT]	1954	98	8332
41	[CHILD]	1952	98	8430
42	[SLEEP]	1902	95	8525
43	[GUN]	1880	94	8619
44	[STORY]	1762	88	8707
45	[BREAK]	1720	86	8793
46	[CAR]	1696	85	8878
47	[TREATMENT]	1696	85	8963
48	[FOOT]	1680	84	9047
49	[WATER]	1644	82	9129
50	[HELL]	1622	81	9210
TOTAL		184.198	9.210	

Com o número total de enunciados que compoariam o nosso *corpus* de estudo, o próximo passo na sua construção estava na seleção dos enunciados de cada uma das palavras para chegarmos ao número total de 9.210 linhas de concordância. Como dito em Biber (1993), a captura da variabilidade gramatical de um *corpus* depende mais dos critérios utilizados na seleção dos dados do que da quantidade de dados extraídos. Assim, para cada uma das palavras, precisávamos recolher o número de enunciados especificado na Tabela 3 de maneira randômica, a fim de evitarmos, como advertem McEnery e Wilson (1996), a captura de Construções que se encontram concentradas somente em uma parte específica do *corpus*. Para tanto, utilizamos a ferramenta disponibilizada pelo próprio COCA, isto é, a KWIC (*Key Word In Context*), que gera um conjunto randômico de enunciados oriundos de diferentes partes do *corpus*, isto é, os dados obtidos respeitam a variabilidade de gênero e período histórico necessários para que as explicações e análises sejam confiáveis.

Portanto, resumidamente, esse *corpus* de estudo conta com 9.210 enunciados da sequência *get* + *substantivo* com uma variabilidade colocacional de 50 substantivos semanticamente distintos. Os enunciados que compõem nosso *corpus* de estudo pretendem refletir o comportamento de *get* na língua inglesa na sua variedade americana e cobrem esse comportamento nos últimos 23 anos, uma vez que a data das publicações de onde as ocorrências foram retiradas variam de 1990 a 2013. No que se refere aos gêneros do discurso, o *corpus* de

estudo é constituído por enunciados oriundos de cinco gêneros do discurso, isto é, *spoken*, *fiction*, *news*, *magazine* e *academic*. A distribuição da porcentagem dos enunciados por gênero pode ser vista na Figura abaixo:

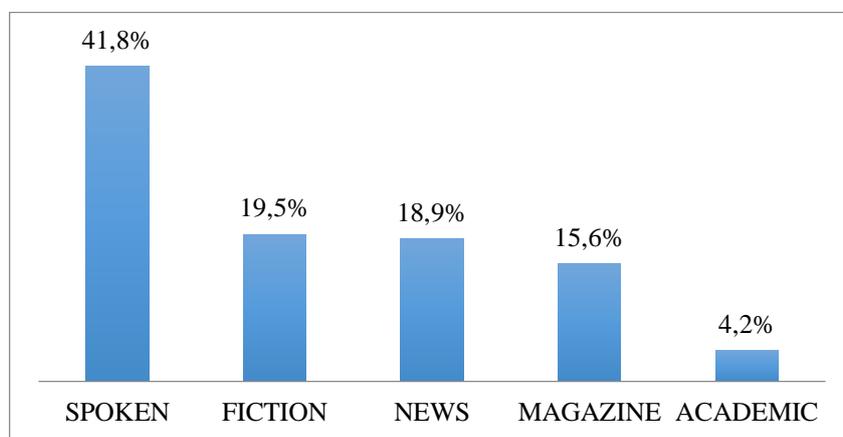


Figura 3 – Distribuição dos enunciados do *corpus* de estudo por gênero discursivo

Como mostra o gráfico na Figura 3, fica-nos evidente que os dados desse *corpus* são percentualmente mais representativos do discurso falado em comparação a outros gêneros. No entanto, a distribuição entre discurso escrito e falado parece estar balanceada, pois se somados, os outros gêneros juntos, que são gêneros do discurso escrito, totalizam 58% das ocorrências. Posto isso, a distribuição dos dados apresentada no gráfico acima previne que a análise do comportamento construcional de *get* com esses dados seja tomada como característica de um único gênero do discurso.

6. A categorização semântica: Construções e fraseologismos

Realizada a seleção automática dos dados, passamos à categorização semântica de enunciados, que se baseou na tipologia de Construções de Goldberg (1995) como ponto de partida. A categorização dos 9.210 enunciados e suas respectivas Construções são apresentadas abaixo.

Tabela 4 – Distribuição dos dados em Construções

Construção	Sentido Central	Ocorrências
Transitiva		6220
	<i>Obtenção</i>	4192
	<i>Recebimento</i>	874
	<i>Posse</i>	565

	<i>Existência</i>	428
	<i>Entendimento</i>	94
	<i>Propósito</i>	67
Movimento Causado	<i>Mover</i>	1284
Resultativa	<i>Fazer</i>	293
Causativa	<i>Fazer</i>	872
Intransitiva de Movimento	<i>Mover</i>	476
Bitransitiva	<i>Transferir</i>	66
<hr/>		
Total		9210
<hr/>		

A categorização semântica dos dados foi acompanhada de um isolamento dos fraseologismos que instanciaram lexicalmente as Construções encontradas no *corpus*.

A identificação dos fraseologismos seguiu a definição de Gries (2008) segundo o qual,

[...] um fraseologismo é definido como a coocorrência de uma forma ou um lema de um item lexical e um ou mais elementos linguísticos adicionais de vários tipos, que funcionam como uma unidade semântica em uma oração ou período e cuja frequência de coocorrência seja maior que aquela esperada ao acaso. (GRIES, 2008, p. 6)¹³

À luz dessa definição, expressões com estruturação sintática como *get SN away from SN* (parcialmente preenchida com itens lexicais) e *get the job done* (consideravelmente fixa em nosso *corpus* de estudo), puderam ser agrupadas sob o título de fraseologismos. Da mesma maneira, expressões com diferentes níveis de idiomaticidade como *get the message* (expressão idiomática que pode ser parafraseada por *understand*) ou *get people into trouble* (expressão figurativa mais transparente) também foram agrupadas sob a mesma categoria de fraseologismo.

7. Construções argumentais com *get*

Feita a compilação dos dados descrita acima, passamos à classificação e análise dos enunciados a fim de gerarmos um mapeamento dos contextos construcionais em que *get* podia

¹³ Original: [...] a phraseologism is defined as the co-occurrence of a form or a lemma of a lexical item and one or more additional linguistic elements of various kinds which functions as one semantic unit in a clause or sentence and whose frequency of co-occurrence is larger than expected on the basis of chance.

ocorrer. Essa análise explicitou 13 contextos específicos, isto é, contextos que se estruturavam sintática e/ou semanticamente de maneira particular. Essa busca pelas especificidades linguísticas dos contextos construcionais foi uma preocupação em nossa análise, pois, lembramos que a definição de Construção aqui adotada (GOLDBERG, 2006) salienta que *uma* diferença entre duas Construções, tanto de ordem morfossintática quanto de ordem semântica e/ou pragmática, é evidência suficiente para postularmos que duas Construções são independentes; entretanto, mesmo sendo independentes, as Construções relacionam-se em redes complexas de maneira que uma Construção mais central possa motivar a existência de uma Construção linguisticamente mais específica.

7.1 Construções Transitivas com sentidos múltiplos: 6220 enunciados

(16) *Sentido de obtenção*: 4192 enunciados

*She was told she'd **get her money back** in five years and earn about 8% a year.*
[1992/NEWS]

(17) *Sentido de recebimento*: 874 enunciados

*I think that you'll **get an answer** from a lot more people.* [2007/SPOK]

(18) *Sentido de posse*: 565 enunciados

*If you've **got enough money**, hiring decent help is no problem.* [2000/FIC]

(19) *Sentido existencial*: 428 enunciados

*We have **got some people** in the West that are standing.* [1995/SPOK]

(20) *Sentido de entendimento*: 94 enunciados

*I didn't really **get the point** of it until labor was well under way.* [2005/MAG]

(21) *Sentido de propósito*: 67 enunciados

*Besides, where would we **get the money** to build a house?* [1995/FIC]

Para as Construções transitivas, exemplificadas acima, exploramos a hipótese de Goldberg (1995) segundo a qual os vários sentidos que essa Construção pode ter estão, na

realidade, vinculados a uma Construção de sentido geral, ou seja, x age sobre y, sendo os elementos co-textuais os responsáveis pela delimitação de um sentido lexical específico para *get*. Os sentidos de *obtenção* e *recebimento*, por exemplo, foram diferenciados (principalmente) com relação ao papel argumental dos sujeitos para ambos sentidos. A análise dos dados mostrou que, com o sentido de *obtenção*, *get* ocorre com sujeitos agentivos com traços de volição, ao passo que com o sentido de *recebimento*, o sujeito desempenha um papel mais *paciente* no evento. Essa distinção foi salientada pela presença de *from phrases* (LEVIN, 1993), que ocorreram em 56,86% dos dados com a leitura de *recebimento* contra 5,29% dos dados com leitura de *obtenção*. Isso nos mostra que o sujeitos de *get* com leitura de *recebimento* são interpretados como os *recipientes* do elemento denotado pelo objeto de *get*.

A mesma relação foi traçada entre as Construções em que o verbo exibe a leitura de *posse* ou *existência*. A hipótese de Construções independentes para esse grupo já encontra respaldo na sua forma morfossintática. Diferentemente de todos os demais dados de nosso *corpus* de estudo, essas leituras são licenciadas por uma forma morfológica específica do verbo, isto é, *got*, que pode vir acompanhado ou não do auxiliar *have*. Com relação a sua função, identificamos entre os dados com *got* duas possíveis leituras, ou seja, *posse* e *existência*. A diferença semântica entre essas duas Construções se dá por meio dos tipos de sujeitos das duas Construções (*agente* para aquela e *loc_[+anim.]* para esta), bem como pela aceitação ou não de uma paráfrase com uma existencial canônica com *there*, que somente é aceita para o *got existencial*.

Por fim, na categoria transitiva tivemos duas outras Construções de menor expressividade quantitativa. Trata-se das transitivas com leitura de *entendimento* e *propósito*. O sentido de *entendimento* é quase totalmente licenciado por fraseologismos específicos em que *get* pode ser parafraseado por *understand* e exibe um sentido mais idiomático. Já com relação à Construção de *propósito* (BYBEE, 2006), a sequência *get* + SN é seguida de um verbo na forma infinitiva que exprime o propósito dessa sequência. Argumentamos que essa leitura diferencia-se de demais casos em que temos *get* + SN + *V_{inf}*, pois somente as Construções de *propósito* admitem a inserção da conjunção *in order to* sem que haja alteração em seu sentido original.

7.2 Construções Causativas com três estruturas: 872 enunciados

(22) *Analítica com participio passado*: 720 enunciados

*It would be about how you could **get** more people **connected** to a strong economy.*
[1997/FIC]

(23) *Analítica com infinitive*: 65 enunciados

*What's the toughest age to **get** a kid **to** really **be** interested in reading...* [2001/SPOK]

(24) *Analítica com -ing*: 87 enunciados

***Get** the ball **rolling** at the new "Library of Congress Experience".* [2000/FIC]

Assim como ocorre com as transitivas, as Causativas também se estruturam em redes construcionais em que umas motivam a existência de outras. Essa relação é evidenciada pela estrutura básica da Construção que envolve dois predicados, isto é, uma *causa* e um *efeito* (KEMMER; VERHAGEN, 1994). O elemento de variação, no entanto, encontra-se no segundo predicado que, no caso das Causativas Analíticas, está convencionalmente associado a três formas distintas: com *particípio passado* (exemplo (23)), *forma infinitiva* (exemplo (24)) e com *-ing* (exemplo (25)).

A análise das causativas de *particípio passado* mostrou que essa Construção com *get* exibe um sujeito agentivo responsável por executar o evento denotado pela sequência V + SN + Part. Pass., diferentemente da leitura convencionalmente associada a essa Construção (principalmente quando está vinculada ao verbo *have*), em que um sujeito *paciente* é afetado pela ação causada por outro argumento. Dessa forma, em fraseologismos como *get the job done*, o sujeito da expressão tem um papel agentivo e designa o actante responsável por fazer o trabalho. Essa análise é corroborada pelo fato de podermos incluir um reflexivo na estrutura, que mantenha correferência com o sujeito da sentença, como ocorre em *I'll get the job done myself*. Por esse motivo, embora essa Construção tenha uma estrutura Causativa, ela exibe uma leitura transitiva.

Diferente das Analíticas com Part. Pass., as Causativas com infinitivo têm uma leitura segundo a qual um *agente volitivo* faz com que um *paciente* desempenhe determinada ação. Ademais, outra característica que distingue essa Construção da Analítica com Part. Pass. refere-se à natureza semântica do argumento *paciente* nas Analíticas com infinitivo, que é majoritariamente especificado por um traço de [+animado] em nossos dados.

Por último, a Analítica com *-ing* exibe a interpretação de acordo com a qual um sujeito, também volitivo, faz com que o objeto *paciente* realize uma ação. Porém, nessa Construção a ação especifica-se por ser um movimento literal ou metafórico. Como vemos no exemplo (9) acima, *get the ball rolling* é um fraseologismo idiomático com o sentido de *início* de uma certa atividade. A leitura idiomática dessa expressão pode ser atestada pelo uso em um contexto no qual a ideia de uma *bola rolando* não faz sentido, como em ...*at the new "Library of Congress Experience*.

7.3 Construções de Movimento Causado: 1284 enunciados

(25) *How do we start to get our message out to the audience directly?* [1993/MAG]

As Construções de Movimento Causado, ao serem instâncias mais específicas de Construções Causativas, foram analisadas sob essa perspectiva em nossos dados, isto é, sob a perspectiva de que Construções de Movimento Causado são Causativas em que o segundo predicado denota o movimento físico de um *paciente* causado por um agente. No entanto, como ressalta Goldberg (1995), as Construções de Movimento Causado são, na realidade, uma categoria radial em si, sendo possível atribuir a ela pelos menos três leituras semânticas mais específicas a depender do verbo que se associe a ela.

Uma vez que em nossos dados a lacuna verbal do primeiro predicado é invariavelmente ocupada por *get*, essa polissemia construcional não se apresentou, de maneira que todos os enunciados classificados sob o título de *Construções de Movimento Causado* exibiram a leitura mais central da Construção, isto é, *x causa y a mover (para/sobre) z*.

Os dados exemplificados por (26) descrevem os tipos de movimento realizados pelo segundo predicado por meio das preposições introdutoras do argumento oblíquo. Isto é, esse argumento realiza-se com diversas preposições e partículas que apresentamos a seguir na ordem da mais frequente para a menos frequente: *out of, in, off, into, on, to, down, away* (partícula), *up* (partícula), *through, over* e *across*.

7.4 Construções Resultativas: 293 enunciados

(26) *I often find myself helping people get their life back in order.* [2000/MAG]

Em uma análise resumida, as Construções Resultativas assemelham-se com as Construções de Movimento Causado, uma vez que o argumento que segue o SN pode ser um oblíquo em ambas Construções. No entanto, nas Resultativas o SN *paciente* é interpretado como uma entidade que passa por uma *mudança de estado* desencadeada pelo sujeito agentivo da sentença, o que não ocorre com as Construções de Movimento Causado. Esse estado causado codifica-se sintaticamente como um SAdj ou SPrep com função adjetiva, como no exemplo (27) acima. Contudo, em nosso *corpus*, 84,30% dos dados mostraram que o argumento oblíquo está convencionalmente associado a SAdjs e esses números são corroborados pelos principais fraseologismos que instanciaram essa Construção: *get one's hands dirty* (50 ocorrências), *get DET thing straight* (32 ocorrências), *get SN ready* (21 ocorrências), *get SN in order* (9 ocorrências) e *get SN in trouble* (6 ocorrências). Em outras palavras, os fraseologismos que mais frequentemente instanciaram a Construção Resultativa apresentaram argumentos oblíquos na forma de SAdjs.

Embora seja uma Construção independente, em vista das propriedades linguísticas sumarizadas acima, Goldberg (1995) faz uso da metáfora conceitual *mudança de estado também é mudança de local* para afirmar que as Construções Resultativas herdam parte de sua estrutura e função da Construção de Movimento Causado. Em nossa análise, partilhamos dessa ideia com a afirmação de que tanto as Resultativas quanto as Causativas Analíticas com *-ing* (cuja leitura central é a de um objeto forçado a realizar um movimento literal ou metafórico) herdam parte de suas estruturas linguísticas da Construção de Movimento Causado.

7.5 Construções Intransitivas de Movimento: 476 enunciados

(27) *I mean, can't other people get to your database if you're on-line?* [1997/FIC]

Com 476 enunciados em nosso *corpus* de estudo, as Construções Intransitivas de Movimento ilustraram casos produtivos de *coligações verbais* (TAGNIN, 2013), isto é, fraseologismos em que *get* arbitrariamente se associa a SPreps que denotam movimento. Entre todas as Construções discutidas e analisadas nesta pesquisa, os dados referentes às Intransitivas de Movimento apresentaram uma grande quantidade de fraseologismos, comparativamente com os enunciados analisados como resultante de uma combinação livre e analítica de palavras. Isto é, dos 476 enunciados, 89,91% deles são formados por fraseologismos recorrentes.

7.6 Construções Bitransitivas: 66 enunciados

(28) *How to get your child a Private School Education in a Public School* [1993/NEWS]

As especificações gramaticais e semânticas discutidas em Goldberg (1995) para as Construções Bitransitivas foram todas confirmadas com os dados em que *get* se associa a essa Construção. Desse modo, nos 66 enunciados em que *get* ocorreu em uma Construção Bitransitiva, a estrutura sintática convencionalmente associada à estrutura, isto é, V + SN_[hum.] + SN foi a mesma e a leitura de *transferência intencional*, também discutida pela linguista, pôde ser averiguada. Contudo, diferentemente das demais Construções em nosso *corpus*, essa categoria não exibiu um comportamento fraseológico. Isto é, não tivemos expressões recorrentes que instanciaram lexicalmente essa Construção gramatical.

8. Construções e fraseologismos

A frequência de uso de expressões linguísticas, sejam elas construções ou fraseologismos, é reconhecidamente um fator necessário para que uma expressão seja considerada convencional (BOAS, 2013; BYBEE, 2006; GOLDBERG, 2006; GRIES, 2008; TAGNIN, 2013; LANGACKER, 2013); entretanto, ela também pode trazer pistas sobre quais sentidos de uma expressão linguística são mais centrais na cognição dos falantes (DIESEL, 2013; ELLIS, 2013). Em nossos dados, a distribuição por Construções e suas respectivas frequências deram-se conforme os números apresentados na Tabela abaixo.

Tabela 5 – O licenciamento dos sentidos de *get* pela frequência

Construção	Sentido Central	Freq. Abs.	Freq. Relativa
Transitiva com sentido de <i>obtenção</i>	<i>Obtain</i>	4192	45,51%
Movimento Causado	<i>Move</i>	1284	13,94%
Transitiva com sentido de <i>recebimento</i>	<i>Receive</i>	874	9,48%
Causativa Analítica	<i>Make</i>	872	9,46%
Transitiva com sentido de <i>posse</i>	<i>Have</i>	565	6,13%
Intransitiva de Movimento	<i>Move</i>	476	5,16%
Transitiva com sentido <i>existencial</i>	<i>Existential</i>	428	4,64%
Resultativa	<i>Make</i>	293	3,18%
Transitiva com sentido de <i>entendimento</i>	<i>Understand</i>	94	1,02%
Transitiva com sentido de <i>propósito</i>	<i>Obtain</i>	67	0,72%

Bitransitiva	<i>Transfer</i>	66	0,71%
Total		9210	

A distribuição por frequência apresentada acima aponta para o sentido de *obtenção* como sendo o mais central de *get*. Porém, é importante lembrarmos que alguns dos outros sentidos apresentados pelos dados estão associados a fraseologismos e formas morfológicas específicas. Em outras palavras, podemos dizer que o sentido de *obtenção* é o mais central para as formas *get*, *gets*, *getting* e *gotten*, mas não para a forma *got*, por exemplo, cujos usos são mais frequentemente associados aos sentidos de *posse* e *existência*. O mesmo se aplica aos casos em que um determinado sentido está vinculado a construções que são altamente instanciadas por fraseologismos recorrentes, como mostramos acontecer com as Construções Intransitivas de Movimento, em que 89,91% dos dados decodificam-se em unidades fraseológicas recorrentes.

Abaixo apresentamos os 74 fraseologismos que ocorreram frequentemente em cada categoria e que instanciam lexicalmente as Construções que analisamos¹⁴.

8.1 Fraseologismos Transitivos com sentido de *obtenção*

get one's money's worth, get a hold of, get cold feet, get DET chance to, get the credit for, get a shot of, get the feeling that, get a job as a, get DET idea for, get DET sense about, get a shot at, get SN from, get the attention of, get SN back, get DET sense of, get the idea that, get one's way, get information on, get a look at, get information about, get DET idea of.

8.2 Fraseologismos Transitivos com sentido de *recebimento*

get a shot of, get a (phone) call, get DET message, get SN from, get DET letter, get treatment (for), get the word.

8.3 Fraseologismos Transitivos com sentido de *entendimento*

get a sense (for), get the message (loud and clear), get the picture, get DET point.

¹⁴ As categorias acima não incluem duas Construções, pois nelas não houve ocorrência de fraseologismos, ou seja, nas Construções de *propósito* e nas Bitransitivas. Quanto às Causativas, os três tipos sintáticos foram agrupados aqui em uma única categoria.

8.4 Fraseologismos Transitivos com sentido de *posse*

got one's hands full, got one's work cut out for, got a way with, got a hell of, got a thing for, got a problem with, got a point.

8.5 Fraseologismos Transitivos com sentido de *existência*

got SN ADV, got SN V-ing, got SN for, got SN that, got SN ADJ, got SN V_{Infinitivo}.

8.6 Fraseologismos Causativos

get the job done, get DET thing done, get DET work done, get one's feelings hurt, get DET thing going, get SN involved.

8.7 Fraseologismos com leitura de Movimento Causado

get DET message out, get the word out, get one's hands on, get DET message across, get DET information out, get DET point across, get DET foot in the door, get DET story out, get SN back on track, get one's hands off, get one's hands around, get DET shot off.

8.8 Fraseologismos com leitura Resultativa

get one's hands dirty, get DET thing straight, get SN ready, get SN in trouble.

8.9 Fraseologismos Intransitivos com leitura de Movimento

get the hell SPrep, get the hell out of here, get in trouble, get off work, get under way, get into trouble.

9. Conclusões

Os resultados a que este estudo chegou confirmam o comportamento polissêmico e a versatilidade sintática de *get* (ISRAEL, 2004), ao explicitarem 13 contextos construcionais em que esse verbo é produtivo. Entretanto, a análise quantitativa dos dados demonstra a preferência

de *get* pela construção transitiva, contexto no qual o sentido central licenciado é o de *obtenção*. No que se refere ao comportamento de *get* no nível lexical, o *corpus* de estudo salientou 74 unidades fraseológicas nucleadas pelo verbo.

Embora este trabalho não dê como concluída a discussão acerca do comportamento polissêmico de *get*, uma vez que o recorte deste estudo privilegiou unicamente os contextos em que o verbo é seguido de complementos nominais, acreditamos que os resultados obtidos contribuem para um melhor entendimento do comportamento construcional e fraseológico deste item lexical, que é tão recorrente na língua inglesa.

Referências bibliográficas

BARNBROOK, G., O. MASON, e R. KRISHNAMURTHY. **Collocation: Applications and Implications**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2013.

BARODAL, J. **Productivity: Evidence from Case and Argument Structure in Icelandic**. Amsterdam: John Benjamins, 2008. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1075/cal.8>

BEREZ, A. L., GRIES, S. In defense of corpus-based methods: a behavioral profile analysis of polysemous *get* in English. In STEVEN MORAN, DARREN S. TANNER, & MICHAEL SCANLON (eds.), **Proceedings of the 24th Northwest Linguistics Conference**. University of Washington Working Papers in Linguistics Vol. 27, 2008, p. 157-166. Seattle, WA: Department of Linguistics.

BIBER, D. Using register-diversified corpora for general language studies. **Journal Computational Linguistics - Special issue on using large corpora: II** 19, n. 2, p. 219 - 241, 1993.

BOAS, H. C. Cognitive Construction Grammar. In: TROUSDALE, T., HOFFMANN, G. **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Nova York: Oxford University Press, 2013, p. 233 - 252. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1093/oxfordhb/9780195396683.013.0013>

BYBEE, J. L. From usage to Grammar: The Mind's Response to Repetition. **Language**, n. 82, p. 711 - 733, 2006. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1353/lan.2006.0186>

BYBEE, J. L. Usage-based Theory and Exemplar Representations of constructions. In: TROUSDALE, T., HOFFMANN, G. **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Nova York: Oxford University Press, 2013, p. 49 - 69. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1093/oxfordhb/9780195396683.013.0004>

CARTER, R., e M. McCARTHY. **Cambridge Grammar of English: a Comprehensive Guide**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

DIESSEL, H. Construction Grammar and First Language Acquisition. In: TROUSDALE, T., HOFFMANN, G. **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Nova York: Oxford

University Press, 2013, p. 347 - 364. **crossref**
<http://dx.doi.org/10.1093/oxfordhb/9780195396683.013.0019>

ELLIS, N. Construction Grammar and Second Language Acquisition. In: TROUSDALE, T., HOFFMANN, G. **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Nova York: Oxford University Press, 2013, p. 365 - 378. **crossref**
<http://dx.doi.org/10.1093/oxfordhb/9780195396683.013.0020>

EVANS, V., e M. GREEN. **Cognitive Linguistics - An Introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. **A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GRIES, S. Phraseology and linguistic theory: a brief survey. In: GRANGER, S. e MEUNIER F. (eds.) **Phraseology: an interdisciplinary perspective**. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2008, p. 3 - 25. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1075/z.139.06gri>

ISRAEL, M. (2004). **How children get Constructions**. Disponível em <http://terpconnect.umd.edu/~israel/Israel-GetConstructs.pdf>. Acesso em 20 de Julho de 2012.

KEMMER, S., e A. VERHAGEN. The grammar of causatives and the conceptual structure of events. **Cognitive Linguistics**, n. 5, p. 115-156, 1994. **crossref**
<http://dx.doi.org/10.1515/cogl.1994.5.2.115>

LANGACKER, R. W. **Essentials of Cognitive Grammar**. New York: Oxford University Press, 2013.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar, Volume I**. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.

LEVIN, B. **English Verb Classes and Alternations: a Preliminary Investigation**. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

LEWIS, M. **The Lexical Approach: The State of ELT and a Way Forward**. Boston: Thompson Heinle, 1993.

McENERY, T., e A. WILSON. **Corpus Linguistics**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1996.

O'KEEFFEE, A., M. McCARTHY, e R. CARTER. **From Corpus to Classroom: Language Use and Language Teaching**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. **crossref**
<http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511497650>

QUIRK, R., S. GREENBAUM, G. LEECH, e J. SVARTVIK. **A Comprehensive Grammar of the English Language**. Edinburgh: Longman, 1985.

TAGNIN, S. E. O. Get: A Study Of Its Deep Meanings. **Língua e Literatura**, São Paulo, n. 6 p. 245-264, 1977.

TAGNIN, S. E. O. Linguística de Corpus e Fraseologia: uma feita para a outra. In: ALVAREZ, M. L. O. e UNTERNBAUMEN, E. H. (Orgs.) **Uma (Re)Visão da Teoria e da Pesquisa Fraseológicas**. Campinas, Pontes, 2011, p. 277 - 302.

TAGNIN, S. E. O. **O jeito que a gente diz**. São Paulo: Disal Editora, 2013.

TOMASELLO, M. **Constructing a Language: a Usage-Based Theory of Language Acquisition**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003.

WRAY, A. **Formulaic Language and the Lexicon**. Cambridge: Cambridge University Press

Artigo recebido em: 24.10.2014

Artigo aprovado em: 27.03.2015